VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

NOSOTROS OU *ELLOS*: FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS NOS DISCURSOS DE HUGO CHÁVEZ

Carlos Augusto dos Santos Fonseca[1]
carlos.fonseca@usp.br

Resumo: Em diferentes discursos de Hugo Chávez dirigidos ao povo venezuelano através da mídia, verificamos constantes referências a dois grupos políticos que se materializam por meio de diferentes formas na língua, fato que parece se intensificar em ano eleitoral. Acreditamos que tais referências operem como modos de "defesa" de seu lugar enquanto presidente da República, além de funcionar como marcas que o sujeito mobiliza, ao assumir a função enunciativa do porta-voz, a fim de legitimar o governo revolucionário bolivariano, diferenciando-o da perspectiva política de seus opositores. A análise das formas linguísticas que fazem referência a um ou a outro grupo político nos permitirá abordar as formações imaginárias que se realizam nos discursos de Chávez. Para tal análise, são contemplados os programas *Aló, presidente* de 2012, por ter sido este um ano eleitoral na Venezuela.

Palavras-chave: discursos; formações imaginárias; Hugo Chávez; Venezuela.

Resumen: En distintos discursos de Hugo Chávez direccionados al pueblo venezolano a través de los medios de comunicación, verificamos constantes referencias a dos grupos políticos que se materializan por medio de distintas formas en la lengua, algo que parece intensificarse en año electoral. Creemos que estas referencias actúen como modos de "defensa" de su lugar como presidente de la República, además de funcionar como marcas que el sujeto moviliza, al asumir la función enunciativa del portavoz, con el fin de legitimar el gobierno revolucionario bolivariano, distinguiéndolo de la perspectiva política de sus opositores. El análisis de las formas lingüísticas que hacen referencia a uno u otro grupo político nos permitirá abordar las formaciones imaginarias que se realizan en los discursos de Chávez. Para este análisis, se contemplan los programas *Aló, presidente* de 2012, debido a que fue este un año electoral en Venezuela.

Palabras clave: discursos; formaciones imaginarias; Hugo Chávez; Venezuela.

Introdução

Neste texto, procuramos demonstrar como o cenário político da Venezuela aparece representado em diferentes discursos do ex-presidente Hugo Chávez através de diferentes formas na língua que fazem referência, por um lado, ao governo bolivariano, cujo líder é o

[1] Mestrando do Programa de Pós-graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-americana – FFLCH/USP

próprio sujeito falante, e, por outro, a diferentes setores da oposição política naquele país. Pretendemos, assim, observar os sentidos com os quais se relacionam as imagens desses dois grupos políticos venezuelanos nos discursos do ex-presidente correspondentes às três últimas emissões do programa *Aló, presidente,* em 2012.

Tal proposta advém do desenvolvimento de um projeto em andamento junto ao programa de pós-graduação em Língua Espanhola da Universidade de São Paulo, cujo objetivo é observar, à luz dos estudos discursivos, os sentidos relacionados à utilização do tempo verbal *Pretérito Perfecto Compuesto* nos discursos de Hugo Chávez. Como corpus, utilizamos dados coletados de diferentes situações midiáticas proferidas pelo ex-presidente em seu programa semanal *Aló, presidente*, transmitido aos domingos pelo canal estatal *Venezolana de Televisión* (VTV) entre os anos 1999 e 2012.

Ao decorrer da coleta de dados para o projeto acima mencionado, percebemos que, em seu programa, Chávez faz constantes referências a dois grupos políticos: (i) ao seu governo ou a pessoas que a ele pertencem, e (ii) a políticos ou a setores da sociedade que se opõem à base governista e ao seu projeto de governo. Cabe esclarecer que *Aló, presidente* funciona como um meio de interlocução encontrado por Hugo Chávez para falar diretamente ao povo e também para "escutá-lo". Como defende Erlich (2005a), de fato, tal momento de interlocução pode ser definido como um evento comunicativo de caráter interativo em que o ex-presidente defende seu projeto político ao mesmo tempo em que promove um efeito de aproximação com aqueles que seguem seu governo e de distanciamento daqueles que o detratam.

Aló, presidente era efetivamente um espaço descontraído em que se estabelecia certa proximidade entre o presidente e seu público. Ainda conforme Erlich (2005b), era nessa ocasião que Hugo Chávez lançava mão de estratégias para diferenciar seu grupo dos demais; era, por um lado, um momento singular em que se podia desacreditar a oposição diante dos venezuelanos ou, por outro, como propõe Ramírez Roa (2003 apud ARNOUX, 2008), atingir um elevado grau de legitimidade política. Percebemos que nos discursos do ex-presidente há uma aparente "cisão" do grupo de políticos da Venezuela em dois blocos: o governista e o opositor[2]. Cabe enfatizar que, em *Aló, presidente,* Chávez refere-se a esses dois grupos políticos como "presidente da República", lugar social esse que o torna membro-representante

[2] O que denominamos "cisão" se aproxima do que Erlich (2005a) propõe como uma "polarização" que caracterizou a vida política no último mandato de Hugo Chávez como presidente da Venezuela.

do grupo governista. Consideramos que tal fato seja determinante para tratarmos do imaginário projetado no discurso do sujeito falante sobre o governo nacional e também sobre a oposição política naquele país.

Apoiamo-nos, para tanto, no conceito de "formação imaginária" proposto por Pêcheux (1969), quem defende que qualquer processo discursivo manifesta a existência de um "mecanismo imaginário" que, conforme Orlandi (2015 [1999], p.38) é responsável por produzir imagens de sujeitos ou objetos do discurso "dentro de uma conjuntura sócio-histórica". Para Pêcheux, os protagonistas do discurso representam "lugares determinados na estrutura de uma formação social" e, nos processos discursivos, as relações entre esses lugares estão representadas por formações imaginárias que designam o lugar que o falante e interlocutor atribuem a si mesmo e ao outro: "a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro" (PÊCHEUX, 2014 [1969], p.82).

São as representações desses lugares sociais que realmente funcionam nos processos discursivos. Com efeito, o que significa no discurso são as imagens dos sujeitos, as quais são resultantes de "projeções" que transformam os lugares – situações empíricas – em "posições". (Ibidem; ORLANDI, 2015 [1999]).

Para efeitos de análise, iniciamos nosso trabalho apresentando as condições sócio-históricas ou circunstanciais de produção dos discursos do ex-presidente aqui explorados; prontamente, passamos à análise das marcas linguísticas relacionadas à imagem que o sujeito faz do lugar do governo nacional; em seguida, são analisadas as referências linguísticas que nos permitem observar a imagem que se faz do lugar da oposição política venezuelana; e, por fim, expomos as conclusões a que chegamos com o desenvolvimento de nossa análise.

1. *Aló, presidente* e suas condições de produção

Foram assistidas às três últimas edições do programa *Aló, presidente* transmitidas no mês de janeiro de 2012; após essas transmissões, o programa não voltou mais ao ar devido à agenda político-eleitoral e a enfermidades que acometeram o ex mandatário naquele ano. As três edições escolhidas são, respectivamente, a de número 376 (de 08/01); 377 (de 22/01); e, por fim, 378 (de 29/01). Somadas, foram acompanhadas aproximadamente catorze horas do referido programa.

Durante as exibições, constantemente o presidente recorria a dados numéricos referentes aos projetos sociais desenvolvidos pelo governo até o ano de 2011, mostrando à população, por exemplo, os resultados alcançados por meios das denominadas *Grandes Misiones* do governo bolivariano, dentre outros projetos governamentais que visavam atender às necessidades sociais do país.

No que diz respeito a cada programa *Aló, presidente* assistido, cabe esclarecer que o programa 376 foi transmitido diretamente da faixa petrolífera do Orinoco, e, na oportunidade, o presidente fazia referência à produção de petróleo nacional e à importância da recuperação dos meios de produção desse recurso por parte do governo. Por sua vez, o programa 377 se transmitiu diretamente da casa de governo, o palácio de Miraflores, e nele se defendia as políticas socioeconômicas do governo, além de se fazer comparações entre as condições de vida do venezuelano antes e depois da chegada da revolução. Por último, o programa 378 foi transmitido desde o Estado de Barinas, região de produção agropecuária do país. Naquele momento, o governo lançava a *Gran Misión Agro-Venezuela*, responsável, segundo Chávez, por garantir o desenvolvimento e a independência agropecuária do país.

A escolha dos referidos programas se justifica na medida em que consideramos que as referências aos dois grupos políticos – governo e oposição – se intensificam nesse período, visto que, sendo 2012 um ano de eleições presidenciais na Venezuela, a necessidade de se demarcar as diferenças existentes entre um grupo de políticos e o outro era extremamente importante no intento de seduzir os possíveis eleitores que iriam às urnas no dia sete de outubro daquele mesmo ano. Cabe destacar ainda que 2012 se caracteriza por ser o ano que marca o fim do terceiro período presidencial de Hugo Chávez, quem chegou ao poder em fevereiro de 1999. Além disso, a escolha do referido período deve-se também ao fato de que aquele foi o último ano de execução do *Primer Plan Socialista de Desarrollo Económico y Social de la Nación,* responsável pela implementação de projetos de desenvolvimento social e econômico do país, o qual fora iniciado em 2007.

Todos os fatos apresentados nos levam a caracterizar 2012 como um ano de grande importância para a política venezuelana, principalmente no que diz respeito às prestações de conta por parte do governo bolivariano. Nesse sentido, acreditamos que naquele momento o presidente tinha a intenção de esclarecer aos seus possíveis eleitores o que foi feito pelo

governo nacional e o que ainda precisaria se fazer a fim de se garantir a efetivação da revolução.

Dado o tempo transcorrido, os projetos desenvolvidos e as experiências vividas, consideramos que há certa relação de sentido entre os diferentes discursos produzidos ao longo dos treze anos de governo de Hugo Chávez e as referências que o sujeito faz, em ano eleitoral, à base governista ou àqueles que a ela se opõem, traçando assim as diferenças entre esses dois grupos e expondo ao seu alocutário – o público dos programas *Aló, presidente* – as transformações socioeconômicas ali ocorridas desde o início de seu governo.

Ao por em funcionamento em seus discursos o imaginário sobre os lugares dos dois grupos políticos venezuelanos, o sujeito não está absolutamente inaugurando um novo discurso, mas resgatando uma memória discursiva, apoiando-se em acontecimentos que já foram significados em outro momento e que têm estreita relação com o seu discurso atual, funcionando como suporte para argumentar as divergências entre os dois grupos que compreendem o cenário político daquele país. A respeito de tais discursos prévios que se conformam como elementos pré-construídos que evocam a memória discursiva, podemos citar, por um lado, aqueles produzidos em torno do período neoliberal venezuelano na década de 1990 e sua política de privatização; o golpe de Estado enfrentado pelo governo de Chávez em 2002; as críticas da oposição à proposta governista, etc.; por outro, os discursos em defesa dos projetos sociais desenvolvidos desde 1999; a política de nacionalização de diferentes meios de produção; a política socialista na América Latina e no mundo, dentre outros.

A situação de ano eleitoral e a constante defesa do controle do Estado sobre as necessidades nacionais em detrimento dos interesses individuas e/ou externos – que teriam conduzido a Venezuela a certo estado de submissão – são recorrentes ao longo dos discursos aqui analisados. São conjunturas como essas que merecem importante destaque na análise dos discursos do ex-presidente, principalmente quando consideramos que ele próprio reconhecia que se vivia, naquele momento, uma disputa entre duas propostas de país. Para Chávez, era necessário que a revolução prosseguisse para garantir o avanço da Venezuela no caminho do desenvolvimento, da independência e da soberania, o que só aconteceria com uma nova vitória do governo nas urnas em outubro de 2012 e com a consequente derrota daqueles que poderiam reconduzir o país ao passado.

2. Imagens do lugar do governo nos discursos de Hugo Chávez

Nos dados analisados, observamos diferentes usos relacionados ao pronome "nós" ao longo das falas de Hugo Chávez. Contudo, tomamos o cuidado de destacar apenas aqueles casos em que o sujeito do discurso se associa ao seu referente e fala em nome do grupo ao que pertence, atuando assim como o seu porta-voz, que, conforme Pêcheux (1990, p.18), pode estar relacionado à posição do "dirigente" ou a de "homem de Estado"; trata-se daquele que fala em nome dos seus ao mesmo tempo em que debate com seu adversário. Damos atenção, portanto, ao "nós político exclusivo" (ZOPPI-FONTANA, 2014, p.96), que diz respeito ao "espaço público institucional" (INDURSKY, 2013, p.84); em outras palavras, ao "nós" que faz referência não ao conjunto dos cidadãos venezuelanos, mas ao sistema de governo, à gestão ou administração da Venezuela em 2012.

Iniciemos nossos comentários considerando as referências ao governo que estão acompanhadas de verbos que denotam ação, conforme os exemplos a seguir[3]:

> **HC01/376 –** "Al pueblo le quitaron el poder completo, se lo habían quitado, pues. Ahora se lo **estamos**, por primera vez en la historia venezolana, **estamos empoderando** (…) empoderando al pueblo. Por eso insisto en los consejos comunales, las comunas, el Poder Popular, el Poder Popular."
>
> **HC02/376 –** "En Maracao, **estamos construyendo** unas viviendas muy bonitas (...) eran terrenos de estacionamientos privados, terrenos abandonados algunos de ellos, los **expropiamos** y **estamos invirtiendo** ahí, como parte de la Gran Misión Vivienda Venezuela, 318 millones de bolívares fuerte."
>
> **HC03/377** – "Entonces lo primero que **nosotros hicimos** fue recuperar la estabilidad, que se había perdido aquí desde los años ochenta (…)."
>
> **HC04/378** – "(…) miren la planta de los silos[4], los silos de maíz y la planta procesadora de maíz, **inauguramos** cerca de Sabaneta… una de las muchas que **hemos inaugurado** a lo largo y ancho del país y **seguiremos inaugurando**…"

Os recortes acima parecem-nos aventar a existência de um "nós ativo". Ao utilizar verbos de ação, o sujeito tende a evidenciar a gestão do governo e suas intervenções em diferentes setores como: na vida política do venezuelano (HC01), na área social (HC02) e na área produtivo-econômica do país (HC03 e HC04). Além da utilização dos verbos de ação,

[3] Optamos pela não tradução dos trechos selecionados. Eventualmente, serão feitos comentários ou traduções de palavras que sejam pertinentes para a compreensão do excerto. Todos os grifos são nossos.
[4] "Silo": depósito, celeiro.

podemos considerar que as ações do governo são também reforçadas com o uso do gerúndio (HC01, HC02 e HC04); a partir do uso do pretérito (HC02, HC03, HC04); ou, ainda, mediante o futuro verbal (HC04). Através dessas formas linguísticas de passado, de presente e de futuro tende-se a evidenciar a representação de um governo atuante, que desde seu início trabalhou, trabalha e continuará trabalhando a fim de transformar a realidade venezuelana.

Ao longo dos discursos analisados, constatamos também referências ao governo por meio de expressões que indicam dever, obrigação ou compromisso:

> **HC06/376** – "(…) Nosotros **tenemos que**, en esta Gran Misión, especialmente en esta Gran Misión, aplicar toda la capacidad creadora posible. **Tenemos que** ser capaces de ver más allá de lo visible, permítanme decirlo de esa manera, **tenemos que** ser capaces de captar, de apreciar los potenciales dormidos.
>
> **HC07/377** – "Vamos a dedicarle unos recursos especiales (…) a proyectos (…) para desarrollar las cadenas productivas. (…) vamos a sembrar más, pues, y no solo a sembrar más, **hay que** instalar las plantas de procesamiento de cítricos…"
>
> **HC08/378** – "Esto también requiere (…) un mecanismo que garantice los fondos. Yo creo que hará falta (…) una ley habilitante para eso. **Hagámosla**, **estudiémosla**."
>
> **HC09/378** – "(…) **estamos obligados a** ser súper eficientes, súper eficientes y arreglar la carretera, pues, y meterle el agua donde no hay agua, y la energía eléctrica donde no ha llegado; arreglar las calles donde las calles están malas; arreglar la carretera donde la carretera se dañó etcétera; para eso **estamos** aquí, pues.
>
> **HC10/378** – "(…) hay mucho trabajo aquí con este 0800 y el Chavezcandanga[5], porque **hay que** devolver las llamadas, **hay que** responder a todo esto y procesar. Gracias a ustedes por llamar, gracias por tantos mensajes. Ahora **tenemos nosotros que** responder."

Deparamo-nos, agora, com formas linguísticas que nos sugerem que, com o fim de administrar o país, o governo deve cumprir certas obrigações e deveres. Isso nos fica claro com o uso das perífrases iniciadas por *tener que* (HC06), expressão que denota obrigatoriedade ou necessidade, algo que também se verifica com o uso de *haber que* (HC07) que, embora impessoal, sugere certa responsabilidade por parte do governo de se criar usinas para o processamento dos produtos cultivados. Observamos ainda os deveres do governo por meio do uso do imperativo (HC08) que convoca os membros da base governista a criarem

[5] "0800" e "Chavezcandanga" fazem referência, respectivamente, ao número de telefone do programa e ao *Twitter* do ex-presidente. Meios através dos quais a população enviava mensagens para o *Aló, presidente*.

uma nova lei que garante capacidade de legislação ao poder executivo para temas específicos e num prazo determinado.

Consideremos ainda as responsabilidades do governo diante de um conjunto de necessidades básicas do país, algo que é introduzido pela expressão *estamos obligados a* (HC09). Parece-se acentuar que algumas ações do governo se configuram como obrigações principalmente quando consideramos o seguinte trecho: "*para eso* ***estamos*** *aquí, pues*", indicando que a bancada governamental deve, sobretudo, cumprir seus deveres e, com isso, consertar, arrumar ou melhorar aquilo que for necessário. Entendemos, então, que o governo está obrigado a suprir as necessidades do povo venezuelano e melhorar suas condições de vida.

Também verificamos que uma das obrigações do governo está diretamente relacionada com a atenção ao público que assiste ao programa, as quais são mais uma vez introduzidas por formas que denotam necessidade – *tener que / haber que* – (HC10). Era necessário responder às mensagens dos expectadores, atender seus pedidos e suas reclamações. Constrói-se assim a imagem de um governo compromissado, com responsabilidades, que "ouve" o povo e conhece suas necessidades; em outras palavras, apresenta-se uma base governista consciente de suas obrigações concernentes à administração do país.

Dando seguimento à análise, devemos nos atentar às referências a um governo que, embora atuante e compromissado, também apresenta suas falhas:

> **HC11/376 –** "(…) a veces estamos llenos de **irresponsabilidades**, de **retardos**, de irresponsabilidades, de **falta de inspección,** esa es una falta grave que nosotros tenemos: falta de inspección."
>
> **HC12/378 –** "Nosotros somos **demorados**, esto es como una constante, y eso es peligroso. Yo insisto en eso, una revolución requiere no demora, es al revés: antidemora, aceleración, sino no es revolución. No es solo en lo ideológico, lo político, no… la aceleración de la producción, la aceleración en la planificación."
>
> **HC13/378 –** "Hay que planificar todo, hasta el más pequeño detalle hay que planificarlo, y nosotros **fallamos** mucho en eso, **en la planificación** (…)."

Os exemplos anteriores demonstram que o sujeito reconhece que a base política da qual é porta-voz apresenta lapsos no que diz respeito ao cumprimento de seus projetos, e isso se manifesta por meio de substantivos (HC11), adjetivos (HC12) ou verbos (HC13) que

denotam negatividade e se relacionam à fiscalização e à demora na execução do programa político, bem como à sua própria falta de planejamento. Isso exposto, e admitindo que para a análise discursiva um dizer tem relação com um não dizer necessário (ORLANDI, 2015, p. 80-81), observemos o seguinte recorte:

> **HC14/378 –** "(…) **estamos obligados a más eficiencia**, es una revolución agrícola lo que hay que hacer."

Um simples exercício parafrástico nos ajuda a identificar certo reconhecimento de falhas no governo: (i) *estamos obrigados a mais eficiência* → (ii) *temos eficiência, mas não a suficiente* → (iii) *temos pouca eficiência.* Compreendemos, portanto, que há, segundo o sujeito, uma necessidade de se melhorar a produtividade e/ou eficácia governista para, assim, dar seguimento ao projeto revolucionário. Neste sentido, cria-se a imagem de um governo que tem consciência de seus erros, que identifica quais são suas falhas.

Com base no que expusemos, as formas linguísticas destacadas nos levam a projetar sobre o governo de Chávez, imagens de um grupo atuante e que erra, mas que também está comprometido com a população reconhecendo suas obrigações. Contudo, considerando o fato de que o jogo político é geralmente constituído por lados quase sempre opostos, envoltos em constantes disputas e conflitos ideológicos, somos levados a perguntar como o então pré-candidato à presidência da Venezuela, em seu programa semanal, se referia aos seus opositores, dito de outra forma: com quais sentidos podemos relacionar as formas linguísticas que fazem referência à oposição? Dedicamo-nos à tarefa de responder a essa questão a seguir.

3. Imagens do lugar da oposição política nos discursos de Hugo Chávez

Iniciemos a presente seção considerando o que já afirmamos neste texto: o próprio ex-presidente reconhecia a existência de um cenário político cindido na Venezuela em 2012, algo que se verifica, por exemplo, no recorte que serviu de base para o título deste trabalho:

> **HC15/377 –** "**Nosotros sí tenemos bien claro cuál es el rumbo**, hay **otros por ahí** que andan hablando a veces pistoladas[6], y diciendo cualquier cosa, pero **no tienen claro nada**, absolutamente nada. **Nosotros sí sabemos por dónde hay que continuar**, cuál es el

[6] "Pistoladas": bobagens.

> rumbo de la patria y **somos la garantía de la estabilidad y del rumbo sostenido hacia la grandeza nacional**."

O trecho anterior nos permite verificar claramente a delimitação de dois blocos políticos: (i) aqueles que sabem – *nosotros* –, e (ii) aqueles que não sabem – *otros por ahí* – qual rumo deve ser tomado para que o país alcance sua "grandeza nacional". São construídos, portanto, dois caminhos: o da garantia de estabilidade, representado pelo "nós"; e o de instabilidade, que se relaciona aos "outros". Ora, ao utilizar a primeira pessoa do plural, o sujeito determina o primeiro desses grupos e se reconhece como membro do mesmo, falando em nome dele. O emprego do indefinido para se referir à oposição marca, por sua vez, certo apagamento desse outro, tido como divergente ou como "contrário".

De acordo com Indursky (2013, p. 146), o uso do indefinido permite que o opositor seja mencionado, mas não identificado, levando-o a uma indeterminação referencial, fato que, a nosso ver, minimiza sua importância no discurso, algo bastante pertinente para a análise que aqui propomos, principalmente quando consideramos a condição de 2012 como ano de campanha eleitoral na Venezuela.

Além do esvaziamento da importância do contrário por meio da indeterminação, também verificamos que as referências à oposição se dão através de outras formas na língua – adjetivos e/ou substantivos, por exemplo – que tendem a desqualificar o grupo político que diverge do projeto governista:

> **HC16/376 –** "La fuerza del **adversario**, sumarla a tu propia fuerza. Todas las agresiones imperialistas, bienvenidas; todas las agresiones de la **contrarrevolución escuálida**, **quinta columna apátrida venezolana**, hay que sumarla[s] a nuestra fuerza y ahí, bueno, el juego político, el juego, a veces psicológico, físico y político."
>
> **HC17/376 –** "Ahora están los **escuálidos** diciendo que yo voy a traer los aviones estos de Cuba. Los aviones son nuestros."
>
> **HC18/377 –** "Yo oigo por ahí algunos **premajunches** hablando de una asamblea constituyente. Realmente quiénes aquí pudiéramos convocar otra constituyente, si lo consideráramos necesario, los únicos somos nosotros."
>
> **HC19/377 –** "(…) si aquí regresara **la oligarquía**, **la burguesía**, a gobernar a Venezuela, tengan la seguridad que ellos tratarían de desaparecerlas [las cosas que hemos logrado]."

Os recortes precedentes nos demonstram que a representação lexical do contrário é consideravelmente negativa. Os termos *contrarrevolución* e *quinta columna*[7] (HC16) parecem enfatizar as diferenças entre o governo e o seu adversário, quem, por um lado, é caracterizado como pertencente ao movimento que combate a revolução liderada por Chávez, opondo-se a ela (*contrarrevolución*), e, por outro, visto como aquele que colabora com os interesses externos sobre a Venezuela, comportando-se, assim, como um traidor (*quinta columna*), razão pela qual se torna "apátrida". Ao se referir a seus adversários como *escuálidos* (HC16 e HC17), o sujeito caracteriza uma oposição fraca e desorganizada, dessemelhante ou até mesmo inferior ao grupo por ele representado.

Por sua vez, a expressão *premajunche* (HC18) seria uma derivação do vocábulo *majunche*, utilizado por Chávez também para se referir à oposição. De acordo com o *Diccionario de venezolanismos* (TEJERA, 1993, p.113) tal adjetivo faz referência a uma pessoa sem atrativos, insignificante ou medíocre; refere-se a algo de má qualidade, ou, como explica o próprio ex-presidente em um de seus programas, quem "não tem nada de bom para dizer, nada para oferecer":

> **HC20/376 –** "Esa es la oposición que tenemos nosotros, por eso es que yo los llamo **majunches**, porque el que hace eso (…) es porque *no tiene nada bueno que decir, no tiene nada que ofrecer*

Nitidamente, temos o uso de uma expressão negativa por parte do sujeito, a qual tende a desqualificar a imagem do seu referente, os membros da oposição venezuelana. Conforme uma carta de opinião publicada na versão *online* do jornal *El Universal* – Caracas, 31 de janeiro de 2012 –, a palavra era comumente utilizada pelo então presidente para se referir aos líderes de partidos da oposição, como teria feito em rede nacional emitida no final de janeiro daquele ano[8].

---

[7] De acordo com o dicionário *Aulete digital* e também o da *Real Academia Española* (DLE), o termo "quinta columna" se refere ao indivíduo que, vivendo num país determinado, colabora secretamente com o país inimigo; diz respeito ao conjunto de agitadores ou espiões envolvidos em atividades subversivas, auxiliando o inimigo. Cabe salientar que a definição do termo foi procurada inicialmente em outros dicionários de língua espanhola disponíveis na Internet, contudo somente aquele disponível na página da RAE (*Real Academia Española*) apresentava uma acepção para a referida expressão.

[8] "En su cadena del miércoles pasado, interrumpiendo *Aló Ciudadano* y todos los programas en horario estelar, para exhibir ante el país la graduación de los oficiales de tropa -un acto rutinario en la actividad militar- el Sr.

Retornando ao recorte feito em HC19, observamos que os substantivos *oligarquía* e *burguesía* manifestam negatividade, principalmente se levarmos em consideração que esses dois grupos são, de certa forma, mal vistos frente ao projeto político desenvolvido por Hugo Chávez, posto que representariam conjuntos de pessoas que visam defender seus próprios interesses ou, ainda, uma classe social dominantemente capitalista formada por comerciantes e/ou empresários. Ao longo dos discursos analisados, percebemos certa aversão por parte de Chávez a esses grupos que teriam governado a Venezuela ao longo do século XX e que visavam voltar ao poder, derrotando-o nas urnas. Tal aversão política na está manifestada, por exemplo, na carta de apresentação do ex-presidente como candidato à presidência da república nas eleições de 2012 através da qual o então candidato deixava claro que seu projeto se opunha à tese da classe burguesa:

> "La Independencia entendida desde el ahora, desde el aquí, nos obliga a ver hacia el pasado para encontrar el rumbo cierto hacia el porvenir. Es por eso que a la tesis reaccionaria de Imperio y de la burguesía apátrida contra la Patria, nosotros y nosotras le oponemos la tesis combativa, creativa y libertadora de la Independencia y el socialismo como proyecto abierto y dialéctica construcción (…)."(CHÁVEZ FRÍAS, 2012, p.03).

Destaquemos o fato de que, em HC19, o artigo definido "la" anteposto aos substantivos indicam a determinação dos grupos aos quais o sujeito se refere: não se trata, pois, de qualquer oligarquia ou burguesia, mas de um conjunto de pessoas que almejavam governar o país a fim de assegurar seus próprios interesses. Nesse sentido, é correto considerar que ao se referir aos seus adversários como *la oligarquía* ou *la burguesía*, o sujeito estaria, a nosso ver, enfatizando o caráter individualista desses grupos bem como salientando que os mesmos, chegando ao poder, não se importariam com as necessidades do povo venezuelano.

4. A modo de conclusão

A política na Venezuela tem sido tema de investigações das mais diferentes áreas do conhecimento, e não poderia ser diferente no campo da Análise do Discurso. Ao tomarmos como base os discursos de Hugo Chávez, verificamos que a aparente realidade cindida da

---

Hugo Chávez se refirió a los candidatos de la Unidad Democrática llamándolos **"majunches"**". J. Linares Angulo. *El Universal*, 2012, Disponível em: <http://www.eluniversal.com/opinion /120131/majunche-contra-verborrea> Acesso: 25/06/2016. Grifo nosso.

política venezuelana se manifesta constantemente nos três programas *Aló, presidente* aqui analisados por meio de comparações diretas entre o grupo opositor e o governo nacional, materializando-se através de formas linguísticas que possibilitam o sujeito a desacreditar o adversário, reservando-lhe um lugar de inferioridade no jogo político nacional, ou então, formas que tendem a alavancar a imagem positiva do governo revolucionário.

A partir do ponto de vista aqui adotado, vimos que, ao se referir à base governista, o sujeito do discurso descreve um grupo atuante, com responsabilidades e obrigações, mas também que apresenta suas falhas. Nesse sentido, criam-se imagens de um grupo organizado, estruturado e que sabe em quais aspectos deve melhorar. Vimos também que os adversários são descritos como aqueles que "de nada sabem", traidores da pátria, contrarrevolucionários, medíocres, desorganizados e, por isso, fracos. Oligarcas ou burgueses, são ainda caracterizados como um grupo individualista que, à diferença do governo nacional, não se preocupa com os anseios do povo venezuelano e que representa a instabilidade para o país.

Nesse sentido é que consideramos que tal jogo de imagens entre oposição e governo tende a ressaltar as diferenças entre os dois grupos, promovendo a imagem positiva da administração nacional, fato de grande importância em ano de eleições presidenciais. Ao apresentar as imagens que faz desses dois grupos políticos, o sujeito do discurso tende a valorizar o grupo ao que pertence, conferindo-lhe legitimidade e reconhecendo sua capacidade de seguir governando, ao mesmo tempo em que desqualifica e desacredita o outro, seu opositor, conferindo-lhe aspectos negativos ou tratando-os como incapazes de governar bem o país.

Assim, o sujeito, falando a partir do lugar de pré-candidato à reeleição como presidente da república, ainda que de maneira indireta ou discreta, parece dar início à sua campanha eleitoral no intento de convencer o seu eleitorado a escolher por um desses grupos, que, certamente, deveria ser aquele que promovesse as transformações no país e que respondesse às necessidades do povo venezuelano, aquele que soubesse conduzir bem o país em direção ao futuro.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNOUX, Elvira Narvaja de. *El discurso latinoamericanista de Hugo Chávez*. Buenos Aires, Biblos, 2008.

CHÁVEZ FRÍAS, H.R. "Presentación". In *Propuesta del Candidato de la Patria Comandante Hugo Chávez para la gestión bolivariana socialista 2013-2019*. Comando Campaña Carabobo, 2012.

ERLICH, F. "La relación interpersonal con la audiencia: El caso del discurso del presidente venezolano Hugo Chávez". In *Revista Signos*, v.38, n. 59, Valparaíso, 2005a.

_____. "Características y efectos del discurso autocentrado en Aló, presidente". In *Boletín de Lingüística*, v.17, n.24, Caracas, jul. 2005b.

INDUSKY, F. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. 2ªed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 12ªed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, M. "Análise automática do discurso (AAD-69)". In GADET, F. e HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 5ªed. Campinas, Editora da Unicamp, 2014.

_____. "Delimitações, Inversões, Deslocamentos". In *Cadernos de estudos linguísticos*, n.19: p.7-24, Campinas, jul./dez. 1990.

TEJERA, M.J. *Diccionario de Venezolanismos*. Tomo 2. Caracas: Universidad Central de Venezuela - Academia Venezolana de la Lengua, Fundación E. y H. Schnoegass, 1993, p.113.

ZOPPI FONTANA, M.G. *Cidadãos modernos: Discurso e representação política*. 2ªed. Campinas, Editora da Unicamp, 2014.